

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 15000 reis
Com estampilha (anno) 15200 »
Brazil e Colonias 15500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 50 reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial. Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

A fonte ignobil

A *Lucta*, apesar de muito preocupada com a reforma eleitoral, cujos defeitos, aliás, as camaras poderão corrigir, como é indispensavel, não larga mão—embora em *suellos*—d'um assumpto de repugnante caracter: o desacato immundo feito ha dias ao monumento de Alves Martins, em Vizeu.

O facto em si diz, porém, menos da perversão moral do auctor ou auctores de tal proeza do que do estado verdadeiramente pathologico da nossa sociedade.

O intoxicamento da consciencia nacional é perverso. Ha muita lama—triste é dizelo—nas veias onde só devia haver sangue generoso e puro. O espirito de justiça padece na nacionalidade portugueza de pressões tão mórbidas, que aventura grande e incerta é procurar-o e encontrá-lo na sua justa limpidez.

Mas, para o criterio da *Lucta* ser perfeitamente austero, deveria não só flagellar o facto, como filial-o na sua fonte verdadeira e repugnante.

A figura, austera e nobre, do Bispo de Vizeu é uma das que, na nossa politica, mais se parecem com o tipo, rigido e puro, de Alexandre Herculano e de Vicente Ferrer. Não a mancham de suspeições e transigencias dubias como as de Rodrigo ou Fontes e, mais integra e forte do que a do proprio immaculado Braamcamp, os seus lineamentos são d'uma só luz e d'uma só significação logica.

Mas de que valem ao Bispo de Vizeu a sua lendaria honestidade, a firmeza indefectivel da sua consciencia, o seu patriotismo, a sua austeridade, se os correligionarios da *Lucta*, os demagogos que com ella pelejam pela Republica, entenderamha muito que a melhor remodelação da nacionalidade se ha de fazer com difamações, insultos, calumnias levianas e tenazes?

Quem, senão elles, tem envenenado moralmente o povo, semeando a desconfiança morbida e excessiva de tudo e de todos, achincalhando facciosamente todos os cultos legitimos, logo que não se dirijam a individualidades, distinctamente jacobinas?

Porque—talvez a *Lucta* o desconheça—os primeiros ataques á honradez modelar do Bispo de Vizeu partiram de homens que no tempo

do austero estadista já se diziam republicanos.

O *Precursor*, pamphleto virulento que em 1870 succedeu a outro, não menos ignobil, *A Lanterna*, dizia a pag. 11 do seu primeiro numero: «O bispo de Vizeu governou com o apoio da agiotagem... foi tão pessoal o governo do frade, como é o governo do duque... após a eleição, os agiotas darão as mãos aos camarilheiros e todos marcharão outra vez unidos para nos devorarem as entranhas, que estão já roídas por esta seita da divida flutuante».

Viu já a *Lucta* injustiça maior contra uma honestidade? Conhece-a maior contra o nitido anti-palacianismo e independencia de caracter d'um verdadeiro patriota?

Pois já em 1870 o partido demagogico semeava assim!

De quem é, pois, a culpa de desacatos como o que a *Lucta* justicidamente verbera?

E' em grande parte dos seus correligionarios, do facciosismo d'elles, da perversão que ha perto de 40 annos já inoculavam, como verdadeiros nihilistas, na incultura d'essa pobre consciencia nacional.

O indecoroso desacato de Vizeu salpica, pois, primeiro que tudo, os republicanos portuguezes, porque estes, nas calumnias d'um pamphleto como o *Precursor* de 1870, deixaram já o fermento da vasa que affrontou agora a memoria pura d'um dos nossos estadistas mais dignos.

E, como essa vergonha, outras muitas, congeneres, indignas do nosso povo e do nosso tempo.

E' que, se os governos teem descurado a educação civica, os revolucionarios teem concorrido poderosamente para a sua desvirtuação.

Até Braga

Querem dizer para ahí que se irá até Braga em excursão d'Ovar, lá para o verão. Se assim succeder não ha verdade mais certa.

No entanto não pôde chamar-se desproposito que mesmo aquelles que já teem visitado muitas vezes a capital do Minho vão fazendo tenção de tomarem parte no passeio, attendendo a que o crescimento das despesas parece ter de destinar-se á fundação da Misericordia.

tica em que estava, não deixou de se zangar lá consigo, ao ver um discipulo seu não poder desenredar-se de taes difficuldades philologicas.

Margarida, que era este o nome da pequena, adivinhou a causa da hesitação de Daniel e delicadamente lhe pôz fim, olhando outra vez para o livro e continuando a estudar em silencio.

D'ahi a pouco voltou, porém, a consultar o seu pequeno mestre.

—E isto? Como se lê?

—*Metempsychose*—foi a resposta de Daniel.

—E o que vem a ser?

D'esta vez ainda o embaraço de Daniel era maior. Nunca elle soubera o que fosse *metempsychose*, e, como pela segunda vez se via pilhado em falso, perdeu a paciencia. Saiu dos apertos, como alguns professores em casos analogos.

—Ora! isso é uma cousa que leva muito tempo a explicar.

Margarida resignou-se a não entender.

Uma terceira interrogação. D'esta

O nosso bôdo aos pobres e a imprensa

O *Commercio do Porto* em correspondencia d'Ovar com data de 29 de março:

«Por iniciativa da redacção do «Regenerador Liberal», periodico que se publica nesta villa, para o que abriu uma subscrição, foi hontem servido um bôdo aos pobres de ambos os sexos, em numero de 63, tantos quantos appareceram.

No local que foi escolhido em S. Miguel, ao ar livre e se achava engalanado com mastros, bandeiras e vasos com verdes e flores, tocou toda a tarde uma philarmonica, juntando-se ali muito povo.

O serviço de mesa foi feito por meninas da nossa primeira sociedade. Foi emfim, uma festa sympathica e atrahente, que muito nobilita os seus promotores, pelo que lhes enviamos as nossas saudações.

—Do «Ovarense» de 3 do corrente, sob a epigraphe «O bôdo»:

«Como era de esperar o bôdo aos pobres realizado na tarde de domingo passado nesta villa, por subscrição publica iniciada e levada a cabo pelo nosso collega local «Regenerador Liberal», correu no meio do maior entusiasmo, saboreando bem os pobresinhos presentes em numero de 66, o appetito e delicado *menú* que lhes foi servido por sorridentes e gentis meninas que ostentavam *toilettes* de gala.

O *menú* constou de sopa de vacca com macarrão, carne guisada com batatas, pão, fructa, aletria, figos, vinhos de mesa e finos do Porto.

Durante a refeição dos pobresinhos tocou no local uma philarmonica.»

—Da «Vitalidade» d'Aveiro, do dia 9 d'Abril, com o titulo: *Em favor dos pobres*:

«A redacção e direcção do *Regenerador Liberal*, d'Ovar, promoveram ali ultimamente uma subscrição e com o seu producto offereceram um lauto jantar aos pobres, celebrando as festas da Resurreição.

Na sua generosa ideia, foram os iniciadores auxiliados por muitas pessoas das suas relações e amizade, distinguindo-se entre ellas um numeroso grupo de gentis meninas das principaes familias da villa, que serviram á mesa, tomando a seu

vez foi a palavra *pragmatica* que a originou.

Daniel estava em maré de infelicidades. Esta acabou de o impacientar. Tirando o livro compromettedor das mãos da discipula, disse com certo despeito mal encoberto:

—Deixa-te de estudar, Margarida; não estou agora para isso.

—Mas depois... amanhã...

—Amanhã? Que tem? Socega, que não te castigo. E demais inda tens muito tempo. Não vês que eu só venho de tarde?

—Mas...

—Mas... agora não quero que estudes, quero que cantes.

—Ora cantar! Que hei de eu cantar?

—A cantiga da *morena*.

—Eu não gosto d'ella.

—Não?

—Eu, não.

—Então de qual gostas mais, Guida?—perguntou Daniel, dando á pergunta, e sobretudo áquella familiar alteração do nome de Margarida, uma musica de affectuoso galan-

cargo outros trabalhos, outro grupo não menos caritativo e dedicado.

A festa teve o melhor exito, deixando as mais gratas impressões na terra, servindo, de certo, de estimulo para outros actos da mesma especie.

Felicitemos o *Regenerador Liberal* na pessoa de todos os colaboradores de tão sympathica ideia, pelo excellent resultado d'ella.»

Do «Portugal» de 6 d'Abril, em correspondencia d'Ovar com data de 2:

«No domingo de Páscoa realizou-se a festa prometida aos pobresinhos pelo semanario local *Regenerador Liberal*.

O local escolhido foi um quintal ao largo de S. Miguel e a festa constava d'um jantar a 65 pobres. Este numero porém subiu a mais de cem. Tocou uma philarmonica e assistiram mais de 2 000 pessoas.

Foi uma festa importante, que honrou aquelle semanario.»

A todos estes nossos presados collegas agradecemos reconhecidos as palavras de approvação e sympathia com que se referem á nossa festa dos pobresinhos.

Este mesmo reconhecimento devemos tambem patenteal-o ao ex.^{mo} snr. dr. Domingos Lopes Fidalgo, que não podendo assistir por motivos, de certo, de seus muitos afazeres, pois é um medico muito distincto e como tal muito procurado a todas as horas, nos enviou o seguinte cartão em resposta ao nosso convite:

«Agradece a honra do convite para assistir ao bôdo, lamentando que as circumstancias lh'o não tenham permitido, quando a festa era de natureza tão sympathica.»

Ainda o ti Fartura

O nosso distincto collega da capital «Diario Illustrado», achando oportuna para isso a occasião por se fallar por ahí tanto do cometa de Walley, transcreveu no seu numero de 9 do corrente os versos que o ti Fartura nos ditou e nós estampamos no nosso jornal do dia 7. São os mesmos que elle recitou no fim do jantar dos pobresinhos.

O «Diario Illustrado» faz a transcripção precedendo-a com estas palavras:

«O cometa—O fim do mundo em 1852—Como Faustino Xavier de Novaes celebrava em verso alegre

teio, que não deixaria ficar mal ninguém.

—A da *Cabreira* é muito mais bonita.

—Já me não lembra bem. Pois então canta a da *Cabreira*.

—Agora não.

—Agora sim; e por que a não has de cantar agora?

—A minha irmã Clara é que a sabe cantar bem, eu não.

—Ora adeus, ella é ainda uma creança—disse Daniel com um soberbo gesto de homem.—Eu quero ouvir a ti.

—Eu julgo que nem a sei.

—Sabes, sabes, ora vamos a ver.

—Olhe... eu canto, mas...

E Margarida pôz-se então a cantar e com voz tão sonora e agradavelmente infantil, que, se o reitor estivesse despreoccupado, em uma posição mais commoda e disposto a julgar com imparcialidade, confessaria que era excellent. Mas, na ausencia d'estas condições de juizo desapaixonado, foi um critico como quasi todos,

a *previsão triste*—O «Fartura» d'Ovar.

Ha em Ovar um velhote chamado José Fartura, que é pelo menos farto em bom humor, não tendo, pelo visto, a neve dos annos conseguido estolar no seu coração a flor da alegria.

Pois o amigo José Fartura lembrou-se ha dias de recitar, por occasião d'um bôdo, os seguintes versos de Faustino Xavier de Novaes, feitos pelo notavel poeta humoristico em 1852 para o beneficio do actor portuense Abel Augusto.

Como se vê, já em 1852 esteve o globo terraqueo ameaçado de ficar feito num feixe, graças ao peso d'esse cometa desequilibrado. Vem portanto a proposito os versos de Faustino Xavier de Novaes, que o *Regenerador Liberal*, de Ovar, reeditou no seu ultimo numero.»

Seguem-se os versos que os nossos leitores já conhecem.

S. José

No proximo domingo realiza-se nesta freguezia a festividade do patriarcha S. José. Constará de missa solemne com sermão, e vespervas com sermão tambem e em seguida procissão.

Toca a musica dos Bombeiros Voluntarios d'Ovar, sob a regencia do sr. Luiz A. Lima.

Communhão das creanças

Realizou-se no domingo a festa da communhão das creanças, na vizinha freguezia de Vallega.

O acto foi muito concorrido de gente d'esta villa.

Tomou parte a musica «Ovarense».

Docnte

Tem passado bastante incommodado de saude o sr. Luiz Monteiro, digno sub-inspector do Caminho de Ferro na Pampilhosa. Desejamos-lhe completo restabelecimento.

Ahi vae o que ella cantava, em uma d'essas singelas e monótonas melopeias de quasi todas as nossas chácaras populares.

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar,
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar.

De pequenina nos montes
Não tivera outro brincar,
Nas canceiras do trabalho
Seus dias vira passar.

—Assim como tu—disse Daniel. Margarida sorriu, fazendo com a cabeça um movimento affirmativo, e continuou:

Sentada no alto da serra,
Pôz-se a cabreira a chorar.
Porque chorava a cabreira,
Ides agora escutar:

«Ail que triste a sina minha,
«Ail que triste o meu penar,
«Que não sei de pae nem mãe,
«Nem de irmãos, a quem amar.

(Continua.)

(8) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

20

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

—Isto que quer dizer?

Daniel olhou por algum tempo para o livro, e a final respondeu:

—*Cataclysmo*.

—E que vem a ser *cataclysmo*?

Daniel ficou embaraçado. A fallar verdade, elle não sabia bem o que era *cataclysmo*. Não teve coragem para o dizer francamente o titubeou:

Cataclysmo... sim... *cataclysmo* é... sim... Eu sei o que é...

agora para t'o dizer é que... *Cataclysmo*.

O reitor, apesar da posição cri-

A "Discussão," desbocada

A impertinencia da *Discussão* vai saindo das marcas.

Como não comprehende, ou não quer comprehender o que é e de que serve um *bôdo* ou *bôda* de pobres, põe-se a doutrinar descabeladamente sobre a caridade evangelica, afirmando que ao *bôdo*, que o «Regenerador Liberal» promoveu, não presidiu ideia alguma de caridade christã.

Diz que nós não vimos «na pessoa dos pobres ao proprio Christo» e ferra-nos com texto biblico pela prôa.

Ora o *bôdo*, desde que nasceu da subscrição publica, devia ser publico; os contemplados deviam ser conhecidos, e essa boa obra de caridade da tal mão direita da *Discussão* devia fatalmente recair em philantropia.

E foi o que succedeu.

Mas vamos adiante.

O tal folheto da *Discussão*, que vai caindo pela pereira abaixo do desconchavo, afirma que «não fora o seu sentimento puramente religioso, mas sim a vaidade» que deu á luz a ideia do *bôdo*.

Evidentemente que não houve terço nem ladainha antes do *bôdo*. O *bôdo* devia ser uma ágape abundante a 70 pobres, quasi todos velhinhos e que jamais terão um jantarzinho lauto e variado no resto da sua velhice como o que lhes proporcionamos. Isto não nos envaidece, honra-nos; e honrará a *Discussão* amanhã se ella, desprezando os seus ideaes mesquinhos e interesseiros da politica que dá logares para levar á feira, abrir uma subscrição que possa beneficiar, muito ou pouco, a vida da villa ou dos seus filhos.

Mas vamos adiante. A *Discussão* ensandeceu com certeza. Para prova d'essa sandice, chama-nos *hypocritas*, ella a *Discussão*, porque o *bôdo* que se deu aos pobres no dia de Paschoa foi praticado á sombra da *Religião*!

Já viram mentira mais desbarbada? Seria por se encontrarem lá alguns padres, e entre elles o nosso Parocho, que a logica da *Discussão* foi descobrir no *bôdo* *acto practicado á sombra da Religião*?

Refere bem a *Discussão*, que a *hypocrisia* não se dá só na religião que muitos praticam no dia em que a pragmatica da quinta-feira Santa obriga a vestir sobrecasaca e levar o *ripanso* debaixo do braço, como certidão de catholicismo authenticico.

A peor das hypocrisias é a *hypocrisia do caracter* que se espelha nos actos e que se encobre com palavras...

Mas vamos adiante.

Mais outra de cabo de esquadra. Quando a *Discussão* veio, no outro numero, com os seus reparos envenenados, (ou ella não visse agora enfascada em venenos) perguntamos-lhe porque não se havia saído com as suas philosophias antes de se realisar o *bôdo* e no principio da subscrição.

A resposta é d'um Sancho Pança sem gosto nem arte. Diz que ignorava o caso, não por o nosso jornal ser liberal, mas por ser um *refinadissimo carolla*. Fique sabendo, pois, que o nosso jornal não tem *carollas*, nem *carollos*. É um jornal monarchico, conservador, intransigente com a mentira, profundamente catholico, interpretando assim o sentir do povo da nossa villa e as tradições dos nossos antepassados.

Nas columnas do nosso jornal não se defende a religião n'um caso particular e pessoal, para intrujar o defendido e manejar com uma parte da opinião, e se deixam d'outras columnas á disposição d'aquelles que atacam a religião nos seus principios.

Mas vamos adiante, e Deus nosso Senhor nos dê paciencia para não entrarmos presentemente em minudencias.

Agóra entra a *Discussão* no campo da má lingua. Deixemol-a ficar a lavar a roupa suja ali no Rio da Graça, que lhe passa perto.

A *Discussão* lava a roupa suja, na imprensa, pelos processos antigos, antes da invenção do sabão.

Não estamos dispostos a manipular esse *sabão* patriarchal. O sabão da discussão limpa e impessoal está ao alcance de todas as bolsas que prezam os outros e que se não desprezam a si.

E isto bem a proposito da *Discussão* trazer á baila umas taes *uvas* que fugiram da *Discussão* por lhe darem só bacalhau com nabos; vem a proposito de as taes *uvas*, usando d'um direito de liberdade que ninguem lhe pôde coarctar, se foram pousar no banquete offerecido a João Franco pelos portuenses; de a *Discussão* fallar em *balanços*, quando é certo que ninguem gostará de dar *bôdo* aos assignantes que não pagam, embora fiquem contentes ao dar *bôdo* a pobresinhos, no dia de Paschoa.

Demais, e para finalizar, devemos saber a marcha que pode tomar o nosso jornal, porque não temos o jornal para a sombra d'elle empalmarmos logares, obter pretensões e chegarmos a regedor; temos o jornal para defendermos, tanto quanto pudermos e soubermos, a monarchia e dentro da monarchia os homens mais honestos; para defender os interesses moraes e materiaes da nossa terra.

E por aqui ficamos e ficaremos, porque estamos certos que não teremos a competencia que teve a *Discussão* para assoalhar roupa suja; com luva branca, quando quizer; de navalha de móla a pagar trabalhos e dedicações... Jamais.

E vai assim uma conversa longa, que é para ficarmos por aqui.

Catrafilados...

Novamente presos, já se encontram ás grades d'el-rei os dois larapios que noticiaramos haverem-se evadido das cadeias d'esta Comarca: «o da Pinta», e o «Foguete», cujos nomes verdadeiros e naturalidades são, respectivamente: Antonio Rodrigues Bento, de Esmoriz, e Ernesto Rodrigues da Silva, de Ovar.

Os meliantes apenas se raspam pozeram logo em acção as suas habilidades, roubando em Cortegaça, ao sr. M.uel Correia d'Oliveira, a quantia de 400\$000 em dinheiro e objectos d'ouro. Com elles foram também capturadas duas mulherinhas de Cortegaça, em cuja habitação ficavam os dois larapios e naturalmente se informavam do terreno em que tinham de operar.

Agora é de esperar, attenta a gravidade d'esta ultima façanha, que as autoridades tenham o maior cuidado na custodia d'estes rapinantes, felizmente recapturados devido á pericia e intelligencia do digno regedor de Esmoriz, sr. Lino Pereira Leça.

Direcção das obras publicas no districto de Aveiro

2.ª Secção de construcção

Faz-se publico que no dia 9 d'abril proximo, pela 1 hora da tarde, na secretaria da 2.ª secção de construcção, em Espinho, perante a commissão presidida pelo engenheiro chefe da referida secção, se recebem propostas em carta fechada, para arrematação de uma tarefa para reconstrucção da ponte d'Avanca, na E. D. n.º 62, sendo a base de licitação, 380,000 reis, e o deposito provisorio, 9,500 reis.

Os desenhos, medições e condições especiaes da arrematação acham-se patentes na secretaria da mesma secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

As guias para effectuar o deposito provisorio são passadas na secretaria da mesma secção, até ás 3 horas da tarde do dia 8 de abril.

A importancia do deposito definitivo é de 5 o/o do preço da adjudicação.

Espinho 25 de março de 1910.
Engenheiro chefe da secção.—
Augusto Julio Bandeira Neiva.

AGUILHADAS... A RIR

Origem d'uma... critica

A «Discussão» saiu-nos á ultima hora, pela primeira vez depois que lhe chamaram franciscana e ella confessou sel-o com summo gosto, *carolla*. Nem mais. O demo entregava-se á queima das suas pestanas sobre o calhamaço da Biblia, lendo, ruminando e meditando verbo a verbo os sagrados versiculos, sem nós o suspeitarmos! E quem o havia de dizer... vindo-a em companhia do *philosopho*?

Pelos modos acabava ella de perulstrar, desgostosa pelo desacato sacrilego a que deu origem, a descripção do somno do Patriarcha Noé, quando os pobresinhos passaram á sua porta, arrastando os farraços do calçado pelas lageas dos passeios e dando signaes evidentes de *illibações demasiadas*. Não se conteve em face de semelhantes desmandos, em todo o sentido criminosos.

Afigurou-se-lhe então que aquellos excessos de... *illibação* faltavam a tantos infelizes, que choravam em seus casebres, abandonados, esquecidos e famintos. Lembrou-se mais de que talvez alguns d'aquelles que agora voltavam fartos e cheios da... *quasi orgia*, fossem para casa paro-

diar sem quererem a scena biblica do Patriarcha Noé e expor se á irrisão dos proprios filhos. Lembrou-se de todas estas desgraças e as lagrimas desbordaram-lhe nas orbitas. Levou a mão á fronte e depois ao coração. Foi uma ideia e um sentimento que brotaram a par d'aquelles dois alforres.

Que exuberancia d'alma! Ia talvez ser fulminada por uma apoplexia, se não fecha o sagrado livro e não começa a vasar sobre o papel ideias sobre caridade que dariam uma «Arte de fazerem bem... os outros» e amabilidades sobre o «Regenerador Liberal» que, *sem ella saber*, veio no dia de Paschoa dar aos pobres com ambas as mãos, quando devia ser só com uma.

E assim nasceu o amontoado de sem razões com que a «Discussão» pretendeu... mostrar o seu desgosto pelo bom exito da nossa festa dos pobresinhos.

A terna, a caridosa, a bondosa «Discussão»! Tambem o que nos vale é ter prevalecido o do direito ao tempo da força! Senão eramos victimas... d'alguma queixada azinina... por o nosso sacrificio com os pobres ter sido bem acceito.

Pilatos & C.ª

CONTOS DA SEMANA

Historia d'um conto

(A um critico de dez annos que acha os meus contos muito bonitos)

Semeae nos meninos as ideias, ainda que as não intendam: os annos se encarregarão de as decifrar na intelligencia e de as fazer florescer no seu coração.

Havia em casa de meus paes um bonito jardim que separava cavallaria e cocheira do resto do edificio.

Levantava-se no centro um caramanchão circular, d'onde sahiam varias ruas sombreadas de parreiras e rosas, que iam terminar em bellos alegretes, caprichosamente cercados com grades. Em um d'estes, em que nada havia semeado, guardava eu duas cabrinhas, presente de minha avó, cujo neto predilecto sempre fui. Estes inoffensivos animaesinhos tinham um inimigo encarnizado na pessoa de D. Mariquinhas, antiga dispenseira, que desempenhava este cargo em minha casa havia 22 annos. Segundo ella, nada bom se podia esperar d'uns animaes que tinham tanta parecência com o nosso maior inimigo nas pontas, nos pés e na cauda.

As minhas relações com D. Mariquinhas eram mui cordeaes: a disciplina domestica ás vezes transgredida pelas minhas cabras e principalmente um individuo da raça felina, um gato pardo, chamado Piliton, em quem ella tinha concentrados os cinco sentidos, era entre nós o pomo da discordia.

Costumava eu apanhal-o por um pé sem o menor respeito e, fazendo-o sentar sobre os quartos trazeiros perguntava-lhe com toda a seriedade:

—Piliton... queres ir á escola? Pisava-lhe então o rabo disfarçadamente, e Piliton miava com toda a furia.

—Vê?—gritava eu a D. Mariquinhas—vê como Piliton é um mandrião que não quer estudar?...

D. Mariquinhas corria atraz de mim, chamando-me Nero; eu refugiava-me em qualquer canto, e lá ficava o sr. Piliton amaciando os bigodes crespos de colera pela minha falta de respeito ás conveniencias sociaes.

Um dia veio ver-me o meu amigo João Manoel e nós ambos commetemos uma iniquidade horrivel que para logo teve providencial castigo: atamos ao rabo do Piliton um buscapés e pegamos-lhe o fogo. O pobre animal, correndo desatinado, foi refugiar-se nas saias da dona, que por pouco se não inflammou como se inflammou o rabo do bichano.

Apresentou-se ella a minha mãe

pedindo justiça, e, em energico discurso provou até á evidencia a minha culpabilidade no attentado; depois, espregando-se sobre a influencia das más companhias, vaticinou a minha prompta e inevitavel morte no alto d'um patibulo, se continuasse a ser o Orestes d'aquellê malfazejo Pylades, tão affeccionado á pyrotechnica. Assustou-se minha mãe com a prophecia e sentenciou-me a tres dias de reclusão n'um quarto que chamavam a alcova escura.

Durante o meu captiveiro varias ideias me occuparam a mente: pensei, primeiro, em fazer uma dependencia geral de dispenseiras, enforcando-as todas com caudas de gatos; projectei depois escrever um livro, como Sylvio Pellico, que tivesse por titulo «As minhas prisões»; e decidi, por ultimo, dedicar-me á volateria, caçando moscas e fazendo-as voejar pelo quarto com papelinhos postos á guiza de rabo-leva.

Esta aventura mudou as minhas relações diplomaticas com o sr. Piliton: deixei a politica franca dos beduinos do Sahará, e sem ter lido Machiavello, adoptei a astuta e tortuosa politica florentina. Fazia-lhe mil caricias e festas deante de sua dona, e elle pagava-m'as todas juntas quando eu o apanhava a sós.

Um dia (dia aziago por certo) estava D. Mariquinhas costurando sentada junto d'uma janella que dava para o jardim. Piliton repousava tranquillamente a seu lado, e entre ambos havia uma cestinha de vimes, onde estavam as chaves do quarto de jantar, a meia de D. Mariquinhas e... alguns cigarros. Porque, força é confessal-o, D. Mariquinhas tinha a fraqueza, extravagante do seu sexo, de fumar como um soldado. Eu cheguei-me ao Piliton, para lhe fazer os meus cumprimentos, e conquistar assim a benevolencia de sua dona, que tinha em deposito uma bandeja de riquissima pinhoada, presente d'umas freiras que minha mãe soccorria. Não sei o que por mim passou então; mas sem duvida foi tentação do inimigo. O certo é que, sem saber como, introduziu-se a minha mão na cestinha e apoderou-se d'um d'aquelles cigarros, sem dar por isso nem o Piliton, nem sua dona.

Corri então ao jardim, a esconder-me no cercado das minhas cabras, para fumar, sem testemunhas, o cigarro de D. Mariquinhas, o primeiro que meus beiços apertavam. Porém, qual não foi a minha admiracão, qual não foi o meu terror, quando ao applicar-lhe um phosphoro (que tirei da cosinha) vi sahir uma atroz labareda, que me chamuscou os narizes!... Cali sentado de susto, julguei por um momento que o Vesuvio me vomitava suas chamas e lava pela ponta do cigarro.

Acudiu aos meus gritos o cocheiro Thomaz e a propria D. Mariquin-

has chegou pressurosa perguntando o que era aquillo. O meu horror natural á mentira levou-me a confessar a minha culpa, ao mesmo tempo culpa e desgraça. Assombreada, D. Mariquinhas abriu um por um todos os cigarros e em dois encontrou uns grãosinhos de polvora habilmente escondidos na extremidade. Fizeram-se pesquisas para averiguar quem era o barbaro nihilista que, apontando aos narizes de D. Mariquinhas, tinha chamuscado os meus, e appareceu afinal culpado o meu amigo João Manoel, que, hospede por um dia em minha casa, applicára os seus conhecimentos pyrotechnicos aos cigarros da pacifica velha.

D. Mariquinhas, que tinha a cara mais feia que tenho visto, e a mais bella alma do mundo, perdoou generosamente ao culpado; poz-me um panninho com arnica na queimadura, e aquella noite, depois de resar commigo as mesmas orações que tantas vezes tem resado comsigo, narrou-me o seguinte conto, emquanto não vinha o somno fechar-me os olhos espertados pelo grande ardiume que mortificava o meu pobre nariz.

(Continúa.)

BOLETIM

ELEGANTE

Passou no dia dez do corrente o seu anniversario natalicio o nosso presado amigo Domingos Fernandes Pereira.

Passará o seu tambem, a 19, o nosso presado assignante José Maria Azeite.

—Parte para o Rio de Janeiro no proximo domingo o nosso bom amigo José da Cruz, de Cimo de Villa. Feliz viagem.

—Encontra-se em S. Vicente de Pereira o nosso distincto correligionario e amigo sr. Antonio Alves da Cruz.

—Está quasi restabelecido de saude o nosso presado director Amadeu Peixoto.

—Passou no ultimo domingo o anniversario do innocente Manoel, filho do nosso bom amigo sr. José Rodrigues Faneco.

—E no dia 12 as suas 12 primaveras a gentil menina D. Maria Etelvina Conceição Annapaz Magalhães, extremosa filhinha do nosso distincto amigo sr. Anthero de Magalhães, digno major reformado.

Este nosso amigo, que se achava em Lisboa, chegou domingo a sua casa para passar esse dia com sua familia.

N'essa mesma noite reuniram-se em sua casa as familias das suas relações, a convite de s. ex.ª

—Foi nomeado chefe da estação de Leiria o nosso amigo sr. Adelino de Mello, que por muito tempo exerceu o logar de chefe adjuncto da estação de Entroncamento com muita competencia.

Que seja muito feliz.

—Baptisou-se no domingo, na egreja parochial d'esta freguezia, um filhinho do nosso presado amigo e assignante Francisco Dias de Rezende, recebendo o nome de Ezequiel.

—Tem passado mal de saude o sr. José Maria dos Santos, pae do quintanista de Direito, nosso presado amigo Antonio Zagallo dos Santos.

—Retirou de Espinho para Torres Novas, onde fixou residencia, o sr. Paulo Pereira, ex-chefe d'aquella estação.

—Para a estação do Entroncamento foi nomeado chefe adjuncto o nosso dedicado amigo sr. João Gil, que por muito tempo exerceu o logar de chefe de Torres Novas com muito zelo e aptidão. Que no seu novo logar seja feliz é o que lhe desejamos.

—Passou no dia 10 o anniversario do digno escrivão de direito sr. Antonio A. Freire de Liz.

—E hontem o do sr. Silverio Lopes Bastos.

—Retirou de Coimbra para Mafra, onde se matriculou na Escola Practica de Infanteria, o sr. Manoel Augusto Pedro, nosso presado amigo e intelligente 1.º sargento de infanteria 23.

—Realisou-se no dia 8 em Anadia

SECÇÃO INSTRUCTIVA

(CONTO)

Frei Lyrio (o Eremita)

(Continuado do n.º 29)

Pela terceira vez nos dispusemos a ir ao Eremitério. E, com franguesas, fomos sem custo algum.

Do Eremita, os gestos e frases, cheias de unção e saber, encantam-nos, atraem-nos.

Os conselhos que dispensa, revelam lealdade, e desinteressado amor pela humanidade.

Tem o olhar brando e calmo, mostrando bem a paz que lhe vae n'alma, e o quanto se julga feliz por só se entregar ao serviço de Deus. Sim; d'esse Deus, todo amor e clemência, que, na sua mudez, tanto nos falla á alma, e na sua immobilitude, tanto e tambem nos aponta o caminho do bem.

Diz o Santo, e assim deve ser, que a ignorancia e só a ignorancia, pode levar uma pequena porção da humanidade, a inconscientemente se classificar de atheus. E, quando o diz, que figura tão nobre a do asceta! que homem tão superior, e que dizer tão cheio de fé!

Como nos sentimos pequenos, ao encarar aquella figura altiva na sua humildade, aquelle olhar severo na sua doçura, aquellas phrases vehementes na sua brandura.

E' que Deus distribuiu com elle um atomo da sua graça, moldando-lhe o coração na pratica do bem, e illuminando-lhe o espirito para que o podesse comprehender e transmitir as suas leis.

Eis, mal burilados, os traços que caracterizam o Eremita, indo nisto mesmo a explicação do motivo porque mais uma vez voltámos a ouvi-lo.

Chegados que fomos, foi-nos logo franqueada a entrada, pois já nos esperavam o rapaz e o padre para principiarem a prelecção.

—Tratemos hoje dos Cometas, disse Frei Lyrio. Sabes a que chamamos Cometas?

São certos corpos opacos que se movem em torno do Sol, como os planetas, mas descrevendo orbitas tão excentricas ou alongadas, que só nos permite vel-os na parte do trajecto em que nos ficam mais proximos; pelo que chegamos a julgar que apparecem subita e casualmente no ceu.

O Cometa que eu vi, em noutes seguidas, tinha uma parte muito brilhante, e a outra parecia uma poeira luminosa!

—Tudo aquillo pertence ao mesmo Cometa?

—Pertence, sim, Luiz. A essa parte muito brilhante, ou antes, mais luminosa, chama-se núcleo, recebendo a tal poeira nomes diversos, conforme a posição que occupa com relação ao núcleo.

Assim, á que o circunda, chama-se cabelleira, e á que o precede, chama-se cauda.

—E de que são formadas a cauda e a cabelleira?

—A essa pergunta ninguem te sabe responder, meu Luiz.

Ignora-se não só de que sejam formadas, como do motivo, ou motivos, que lhe modificam a fórma.

—Mas as gasetas, e as publicações illustradas que ali tem, fartam-se de dar explicações, parecendo bem ser assumpto já estudado e conhecido!

—Essas explicações são apenas um triste attestado que os homens querem passar de si e para si mesmos.

Isso e o atrevimento proprio da ignorancia.

O estudo dos homens pode, e simplesmente, dar-lhe a conhecer a grandesa, a velocidade na marcha, e a linha que descrevem.

Mas enquanto á sua constituição, e ainda, nota bem, ás forças que nelles actuam, e ainda ás que por seu turno podem actuar nas relações com outros cometas ou planetas, isso, descança, meu Luiz, não é dado ao homem o poder-lo estudar!

—Mas sendo assim, porque é que escrevem aquellas coisas, que tanto medo mettem aos mais ignorantes?

—Por motivos varios. Uns, como vaidosos, não querem confessar a sua pequenez perante um assumpto

que só a Providencia divina rege e conhece na sua sublime perfeição; e os outros, até me custa dizel-o, na mira, por vezes nefasta, e até criminoso do vil interesse.

—Mas não serão estes uns inconscientes?

—Tens razão, Luiz. Não devo chamar criminoso, mas sim inconsciente, a razão que os leva a fazer commentarios, e ainda a dar publicidade a uma questão em que elles, na sua maioria, se deviam considerar ignorantes em absoluto.

Figueira da Foz.

(Continúa).

M. E.

ECHOS DE VALLEGA

O mau jornal, eis o inimigo. Paraphraseando o conhecido tribuno da republica franceza, Gambetta, que dizia: o clericalismo, eis o inimigo, a cada passo se ouve um catholico fervoroso e um patriota apaixonado arrancar do fundo d'alma este grito d'alarme: «o mau jornal eis o inimigo». Ainda não ha muito que um operario (!) ao fallar numa reunião retintamente catholica e que tem prestado relevantes serviços á causa que defendemos, lançou ao meio da selecta assembleia, que o escutava, este pregão suggestionador e que todos os que se empenham pelo triumpho da boa causa deviam gravar profundamente na memoria.

Só temos um inimigo temivel e que nos causa os maiores males: é o mau jornal; é o jornal impio que, uma vez na mão do leitor, o leva a insurgir-se contra tudo o que pode tornar feliz um povo, prospera uma nação.

Vencido esse inimigo, quasi irreductivel, a victoria será nossa e poderemos então adormecer á sombra dos louros que alcançamos em tão honrosa peleja, em tão renhido combate. Para isso, porém, é preciso que todos abandonem os seus commodismos, entrem em acção e lutem com esforço e denodo; é necessario que se conjuguem todos os nossos esforços e se assestem todas as nossas baterias contra esse gigante da actualidade, que espalha por toda a parte a desolação e a morte.

«Já não é tempo de edificar egrejas, ornar altares, decorar templos», necessario se torna hoje fixarmos a nossa attenção e envidarmos todas as nossas forças para lançarmo-por terra esse mensageiro do mal que tornaria improficuos todos os nossos cuidados e desvelos, com que nos empenhassemos em reduzir ao aprisco de Christo todas as ovelhas tremalhadas.

De nada servirá ouvir sermões, praticas e exhortações christãs; nadá aproveitará assistir aos actos do culto catholico, se, ao chegar a casa, se lançar mão d'um jornal impio, indecoroso e farçante que, desfazendo todas as boas impressões que se levaram gravadas n'alma, repellindo todos os pensamentos salutarres, suggeridos e alimentados por meio de praticas tão piedosas, vá gravar na alma os mais derrancados sentimentos e alimentar com fogo impuro as mais degradantes paixões. E' a triste experiencia quotidiana, que nos ensin a estas verdades tão amargas e tão palpaveis.

No entanto, existe a mais crassa ignorancia sobre os deveres que temos relativamente á imprensa, em nenhuma conta se tem o guerrear por todos os meios o mau jornal, embargando-lhe os passos avançados e audaciosos, saindo-lhe ao encontro e arrancando-o das mãos dos ingenuos e incautos leitores. Se bem comprehendessemos o serviço relevante que prestavamos á boa causa, fazendo calar essa voz malefica da imprensa anti-religiosa, julgariamos na obrigação de sacrificarmos todas as nossas commodidades e quicá os nossos haveres para reduzir á impotencia tão poderoso agente do mal e da iniquidade.

O erro não tem direito á vida, porque é a negação d'um bem: a verdade; logo, o jornal, que é mensageiro e apregoador do erro, não tem direito a existir e serão licitos todos os meios, que se empregarem para a sua destruição. Não vá alguem interpretar erradamente esta minha asserção, julgando que perfilho a doutrina de «os fins justificarem os meios»; não, essa doutrina é contraria a todos os principios da razão e da fé, e porisso, quando digo que todos os meios serão licitos, quero dizer todos os que o homem, guiado pela sua razão, illuminada pela fé, julgar licitos e convenientes para obter um fim almejado que no nos-

so caso é a destruição do mau jornal, do jornal impio e sectario que não escrupulisa no emprego dos meios para conseguir o seu nefando intento.

Não percamos, pois, de vista estas breves considerações que ficam expostas, e consideremos o mau jornal como a unica e principal causa de todo o mal-estar presente da nossa sociedade, religiosa, moral e civilmente considerada. Elle é o que perverte a nossa mocidade radiante e esperançosa, derrancando-lhe todos os lindos sentimentos da infancia; elle é o que açula as multidões ignorantes contra aquelles que passam pelo mundo fazendo o bem e sacrificando-se pelo bem-estar da humanidade; elle é, n'uma palavra, a arma de todas as victimas, a alma de todos os crimes e a causa unica de tudo quanto de mau advém á sociedade, á familia e ao proprio individuo. Guerra e huerra accitosa ao mau jornal; armas em riste contra elle para que pereça no meio dos seus erros e desvarios.

Vallega, 4-XII-909 - Jospim.

Fallecimentos

Finou-se no dia 2 do corrente a mãe do nosso presado collega do «Fama» sr.ª D. Beatriz Albertina Valerio de Souza Brandão.

—E no dia 5, na Ponte Nova, a sr.ª Anna de Pinho Figueiredo, esposa do sr. Francisco de Sá Ribeiro.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pesamos.

Corporações administrativas

Pelo Ex.º Governador Civil do Districto, foram approvadas as contas das Irmandades das Almas, Senhora do Rosario, Senhora de Penha de França da freguezia d'Esmoriz; Santissimo Sacramento e Nossa Senhora do Rosario, da freguezia de Macedo; Santissimo Sacramento, da Freguezia de Cortegiça; Santo Antonio e Almas; Senhora do Desterro e Santissimo Sacramento da freguezia d'Arada relativas ao anno economico de 1908-1909.

o enlace matrimonial do sr. Manoel Ferreira da Silva, digno pharmaceutico, com a menina D. Albertina Lebre Cardoso.

Aos novos conjuges que tanto se distinguem pelas nobres qualidades do seu caracter, desejamos todas as venturas de que são dignos.

D'aqui os felicitamos effusivamente.

—Para a estação de Monte Redondo foi nomeado chefe o snr. Joaquim Eduardo Mello, que por muito tempo exerceu o logar de sub-chefe com muita dedicação, pelo que o felicitamos.

—No domingo tivemos occasião de abraçar o nosso ex.º amigo dr. Zeferino Borges, digno capitão medico de infantaria 24.

—Acha-se enferma a ex.ª sr.ª D. Maria Olympia Fonseca. Desejamos as suas melhoras.

E' do nosso presado collega O Porto o artigo que transcrevemos hoje no logar d'honra.

Ovar na Universidade desde 1800

(CONTINUAÇÃO)

1864-65

Theologia, 1.º anno: **Francisco Gomes Duarte Pereira Coentro**, filho de Manuel Gomes Coentro. Concluiu em 1868-69.

1867-68

Mathematica, 1.º anno: **Francisco Baptista d'Almeida Pereira**, filho de Antonio Baptista d'Almeida Pereira. Matriculou-se em Medicina em 1871-72 e formou-se em 1875-76.

1870-71

Direito, 1.º anno: **Eduardo Augusto Chaves**, filho de Pedro Alexandrino Chaves. Concluiu em 1874-75. São d'este curso Campos Henriques, o Juiz Veiga e João Franco.

1871-72

Theologia, 1.º anno: **Antonio da Silva Carrelhas**, filho de Antonio da Silva Carrelhas. Matriculou-se nesse mesmo anno em Direito e concluiu os dois cursos em 1875-76. A elles pertenceu Antonio Candido.

1874-75

Direito, 1.º anno: **José Baptista d'Almeida Pereira Zagallo**, filho de Antonio Baptista d'Almeida Pereira. Concluiu em 1878-79.

1875-76

Mathematica, 1.º anno: **Anthe-ro Garcia d'Oliveira Cardoso**, filho de Seraphim d'Oliveira Cardoso Baldaia. Matriculou-se em direito em 1879-80 e formou-se nesta faculdade em 1883-84.

1876-77

Mathematica, 1.º anno: **Isaac Julio de Carvalho**, filho de José Dameão de Carvalho. Não frequentou mais anno nenhum.

1877-78

Direito, 1.º anno: **Manoel Gomes Duarte Pereira Coentro**, filho de Antonio Gomes Duarte Pereira Coentro. Formou-se em 1882-83.

(Continúa).

Refractarios

São citados pelo juizo de Direito d'Ovar a pagar a remissão do serviço militar, como refractarios, os srs. Adão Rodrigues Santos, filho de Joaquim Rodrigues dos Santos e Emilia Alves, natural de Castanheiros, freguezia de Esmoriz, auzente no Brazil; e Victorino Ferreira Mendes, filho de Manoel Ferreira Mendes e Anna Joaquina de Jesus, natural das Cortinhas, da freguezia de Macêla, e tambem auzente no Brazil.

HORARIO DOS COMBOYOS

Do Porto a Espinho e Aveiro e vice-versa, desde 5 de novembro de 1909

ASCENDENTES

ESTAÇÕES	1501 Tramway	150 Tramway	15 Correo	1505 Tramway	1507 Tramway	1509 Tramway	2015 Mixto	1511 Tramway	17 Tramway	53 Rapido	1513 Tramway	1515 Tramway	3 Omnibus	1517 Tramway	55 Rapido	11 Omnibus
Aveiro		3.54	5.5				7.58		11.3	2.5			5.34		9.57	10.28
Cacia		4.8							11.13				5.43			10.38
Canellas		4.15							11.20				5.50			
Estarreja		4.26	5.28				8.39		11.31				6.4			10.52
Avanca		4.37							11.42				6.12			
Vallega		4.43							11.48				6.17			
Ovar		4.51	5.50				9.18	10.20	11.57				6.27			11.12
Esmoriz	4.55	5.13	6.4		7.20			10.42	12.18				5.57			11.26
Espinho	5.11	5.30	6.16	7.0	7.59	9.35	9.49	10.59	12.34	2.30	3.27		6.14	6.55	9.5	10.36
Granja	5.18	5.37	6.24	7.7	8.32	9.42	10.6	11.6	12.41	2.45	3.34	6.21	7.2	9.12	10.42	11.40
Valladares	5.37	5.56	6.36	7.26	8.25	10.1	10.28	11.25	1.1		3.53	6.40	7.16	9.31		11.54
Gaya	5.55	6.11	7.0	7.41	8.39	10.16	11.19	11.39	1.23	3.0	4.7	6.55	7.37	9.46	10.59	12.7
General Torres	5.59	6.15		7.45	8.43	10.20		11.42	1.27		4.13	6.59		9.50		
Campanhã	6.0	6.28	7.25	7.56	8.56	10.30	11.33	11.52	1.41	3.12	4.24	7.9	7.55	10.1	11.11	12.20
Porto		6.34	7.31	8.2	9.2	10.35		11.58	1.47	3.18	4.30	7.17	8.1	10.7	11.17	12.26

DESCENDENTES

ESTAÇÕES	1503 Tramway	1504 Tramway	18 Omnibus	1506 Tramway	1508 Tramway	56 Rapido	20 Tramway	1510 Tramway	1512 Tramway	4 Expresso	1514 Tramway	2212 Mixto	54 Rapido	1516 Tramway	1518 Tramway	8 Correo
S. Bento	12.10	5.19	.35	7.0	8.11	8.50	9.39	12.32		3.6	3.30		5.0	5.59	7.48	8.45
Campanhã	12.20	5.30	6.50	7.10	8.20	9.0	9.55	12.45	2.5	3.30	3.30	3.50	5.10	6.10	7.57	9.5
General Torres	12.28	5.37		7.17	8.28		10.3	12.53	2.13		3.46			6.18	8.5	
Gaya	12.34	5.42	7.1	7.21	8.32	9.11	10.14	12.57	2.17	3.41	3.50	4.35	5.21	6.23	8.11	9.24
Valladares	12.40	5.54	7.9	7.33	8.44		10.25	1.9	2.29	3.45	4.1			6.35	8.23	9.34
Granja	1.3	6.11	7.19	7.51	9.1	9.23	10.43	1.26	2.45	3.58	4.18		5.33	6.52	8.39	9.44
Espinho	1.9	6.20	7.27	8.0	9.7	9.29	10.49	1.32	2.55	4.5	4.27	5.7	5.39	7.1	8.45	9.55
Esmoriz		6.36	7.55	8.16			11.2		2.11	4.13	4.42			7.18		10.4
Ovar		6.58	7.50	8.38			11.22		2.11	4.31	4.5	6.2		7.42		10.24
Vallega			7.56				11.29							7.49		
Avanca			8				11.33							7.56		
Estarreja			8.13				11.49			4.50	6.36			8.9		10.45
Canellas			8.19				11.55							8.17		
Cacia			8.26				12.3							8.25		
Aveiro			8.37			10.5	12.16			5.11		7.12	6.14	8.37		11.10

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

bettes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE

O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effectos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º—No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silva, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confeções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS

DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Praça «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO
40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio, 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, carões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya—Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZUL EJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrafas

DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 41 e 45—Porto

Telephone, 616

Uma visita á
PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passeio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Efectos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartoneagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qual-quer retrato.

Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE
Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:
Viuva de Silva Cerveira.

José Bernardo Carlos das Neves

221, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

Flores a S. José

Meditações para o seu mez ou qual-quer tempo do anno, com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Excripturas, Santos Padres e Doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenados por Antonio Luiz Falcão. Segunda edição. Approved pelo Sr. Cardeal Bispo do Porto — enc., 200 reis.

O Mez de S. José

A violeta de março. Vertido d'um livro allemão por Carlos H. Pieper. Revisito pelo Dr. Domingos de Souza Moreira Freire. Com permissão do Sr. Vigario Capitular. 3.ª edição augmentada com o modo de ouvir a missa pelos defunctos — vol., enc., 160 reis.

Vendem-se na Typographia Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 e nas livrarias.

FOSFODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das scrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

ARTE RELIGIOSA

Officina de esculptura em madeira e talha

Joaquim dos Santos Leite

RUA FABRICA, N.ºs 57 a 61 — PORTO

N'este acreditado estabelecimento executam-se todos os trabalhos, especialmente em imagens de todas as invocações e tamanhos e em altares de todos os estylos. Execução rapida tanto para o Porto como para as Provincias, Ilhas, Africa e Brazil. Ha sempre em deposito grande variedade de imagens em madeira, marfim e metal, para jazigo; Santuarios de pau preto e d'outras madeiras, Banquetas para altares, sacras, estantes para missal, basos eucharisticos, ramos e cypressos e muitos mais artigos do culto assim como: terços encadeados, rosarios, medalhas e cruzes, em todos os formatos e pias de agua benta em ploxé proprias para cabeceira; estampas e quadros. Encaixilha-se toda a qualidade de estampas.

Grande deposito de redomas e pianhas. Remette-se todas as informações. Orçamentos contra pedidos e observando-se a maior modicidade nos preços.

TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72—Rua da Picaria, 74—PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista
Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º

(Em frente ao coreto da Graçiosa)

ESPINHO

REGENERADOR LIBERAL

OVAR

ILL.º SNR.